

CAPÍTULO 5

O LEGADO DOS PAIS

“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes de vossos pais. Mas com o precioso sangue de Jesus Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (I Pe 1:18,19).

Sabemos que o principal canal pelo qual Deus nos abençoa são os nossos pais. Em contrapartida, este texto fala também sobre um fútil legado, uma vã maneira de viver que nos é imputada por tradição, capaz de engessar nosso comportamento e comprometer o desenvolvimento da nossa personalidade.

Esse componente cultural do ser humano baseado na capacidade de manter tradições é também um alvo favorito no qual Satanás deseja estabelecer e perpetuar seus desígnios. Dessa forma, ele agarra não apenas uma geração, mas toda uma linhagem familiar.

“E os que de ti procederem edificarão as ruínas antigas; e tu levantarás os fundamentos de muitas gerações; e serás chamado reparador da brecha, e restaurador de veredas para morar” (Is 58:12).

Muitos caminhos ou veredas precisam ser restaurados. Muitos não só perderam a chave de casa, como também o rumo de casa. Estão afastados e perdidos em relação à vida. A família

tem sido arruinada e os seus fundamentos destruídos. Esse vem sendo um quadro crônico que tem subjogado geração após geração. Deus procura um intercessor em cada família. Deus quer achar você, alguém que tenha entendimento de tapar a brecha, mapear a raiz do problema, resgatando a família de todo direito e argumentação demoníaca pela qual vem sendo devastada.

É necessário explicar melhor o que significa esta vã maneira de viver que, por tradição, recebemos de nossos pais. As brechas espirituais deixadas pelos pais geram conseqüências e influências nas sucessivas gerações. É importante esclarecer que os filhos levam a conseqüência e não a culpa dos pecados dos pais. Quando Adão optou pelo pecado, a morte entrou na sua descendência, o que se refere a toda raça humana. A morte é a conseqüência do pecado de Adão. Herdamos não o pecado de Adão, porém a morte que é a respectiva conseqüência.

Uma mulher aidética, por exemplo, que gerou um filho aidético, esse filho tem culpa de ter nascido aidético? De forma alguma. Porém, apesar de não ter a culpa ele sofre a conseqüência. Isto define o que é um legado. Jeremias, nas suas lamentações, explica a situação do povo de Israel no cativeiro declarando este princípio:

“Nossos pais pecaram, e já não existem; e nós levamos as suas iniquidades” (Lm 5:7).

Essas conseqüências vêm na forma de maldições, cativeiros, infortúnios, influências espirituais perniciosas, doenças físicas e muitos outros problemas que dificultam a vida tentando provocar o mesmo comportamento que sustente a brecha espiritual que já havia sido aberta desde outras gerações. Esse é o princípio pelo qual um legado é perpetuado.

Não devemos interpretar tais legados de maneira fatalística, antes como realidades que podem e devem ser alteradas através do poder restaurador do sacrifício de Jesus.

Jesus enfatiza essa perspectiva ao ser perguntado pelos seus discípulos em relação a um cego de nascença:

“Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem às obras de Deus” (Jo 9:2.3).

Neste caso, Jesus escolheu não enfatizar na sua resposta o porquê da situação, mas o para quê. Eles na verdade já sabiam o porquê, mas ainda estavam cegos em relação ao “para quê”. Havia uma dose de fatalismo que precisava ser removida. Juntamente com todo quadro de necessidades, infortúnios, maldições e impossibilidades coexiste uma possibilidade de milagre. Jesus é essa possibilidade de milagre.

Portanto, resumir os problemas presentes apenas em virtude dessa componente hereditário é um erro, mas outro erro muito grave seria ignorá-lo. Precisamos lidar não apenas com a culpa relativa aos nossos próprios pecados, mas também com as conseqüências dos pecados não resolvidos ou confessados dos nossos pais. Dessa forma, vamos parar de falar em maldições hereditárias e começar a falar nas bênçãos hereditárias.

Quando um pecado é repetido em várias gerações, ele pode ser definido como iniquidade. Iniquidades acarretam maldições, que prendem toda a linhagem e precisam ser intercessoriamente confessadas.

O NOVO NASCIMENTO E A CONVERSÃO

Para a maioria dos crentes esses dois conceitos significam a mesma coisa. Uma confusão nesse sentido pode gerar paradigmas teológicos equivocados.

A Bíblia diz que é necessário nascer de novo. É lógico que o novo nascimento abrange o aspecto inicial da conversão. O que é nascer de novo? É um novo nascimento do espírito humano. O Espírito Santo recria o espírito e passa a habitar nele. É uma regeneração da vida espiritual. Nós a chamamos de salvação. Quanto tempo precisa para um espírito nascer de novo? É instantâneo. É só crer em Jesus tomando a decisão de segui-lo. Essa fé brota so-

brenaturalmente do arrependimento mediante a mensagem do Evangelho. E fácil nascer de novo.

Mas há outra palavra: CONVERTER-SE. É uma palavra com outro significado. Conversão é o processo contínuo de regeneração da alma. Isso leva tempo e tem o seu preço.

Portanto, nascer de novo é a regeneração instantânea do espírito e conversão é o processo perseverante de libertação e regeneração da alma. A salvação é grátis, mas tornar-se um discípulo lhe custará tudo.

Você pode ser salvo e não ser convertido. Por quê? Porque a conversão acontece na alma. A salvação acontece no espírito. Você pode ser salvo, ter um espírito vivificado pela presença de Deus, ser uma nova criatura em Cristo, e ainda não ser convertido de alma em relação a muitas áreas da vida.

O que é sua alma? Você é um ser trino: um corpo uma alma e um espírito. Seu espírito é você, é o você real que Deus criou. Sua alma é basicamente sua mente, sua vontade e suas emoções. Seu corpo é sua casa. Jesus pode salvar seu espírito num instante, mas a sua alma exige um longo tempo para se converter.

Nada é mais perigoso que um ser humano salvo, porém não convertido. Você sabe que nasceu de novo, mas ainda pensa com a velha mente, seus velhos hábitos ainda dominam você, algumas atitudes ainda não mudaram, alguns raciocínios errados ainda continuam iguais. As convicções negativas permanecem. Pensamentos malignos ainda freqüentam a sua mente. Corrupção, amargura, inveja, ódio ainda continuam com você. Você ainda luta com alguns desejos descontrolados. Mas você é salvo. Não se sabe por quanto tempo o Espírito Santo vai contender com sua carnalidade, mas você até então está salvo.

UM ENSINO PERIGOSO

*“E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Por isso daqui por diante a **ninguém conhecemos***

segundo a carne; ... Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (II Co 5:15-17).

Quero tocar numa questão muito delicada, mas que tem me preocupado muito. Sei que não é fácil mudar um ponto de vista doutrinário, visto que eu mesmo tive de fazê-lo e foi uma experiência cortante.

Na verdade, seria muita ingenuidade fazermos uma doutrina centralizada no verso 17 desse texto em relação às maldições, dizendo que as coisas velhas já passaram e que todo nosso passado está resolvido porque aceitamos o plano de salvação.

Não é sábio fazer uma doutrina em cima de um versículo isolado do seu contexto. Neste caso, Paulo exorta que Cristo morreu por todos e por isso não devemos nos relacionar com as pessoas nos baseando na sua aparência ou na sua antiga reputação.

Ele estava enfatizando a importância de quebrar as barreiras e evitar preconceitos em relação aos novos crentes. Ou seja, não conhecê-los segundo a carne, mas sob a nova perspectiva do novo nascimento.

Podemos entender melhor esse texto quando um roqueiro cabeludo, tatuado, com uma rude aparência é salvo e começa a freqüentar nossa igreja. Como iremos nos relacionar com essa pessoa? Com reservas ou com franca hospitalidade?

A libertação faz parte do processo de regeneração da alma viabilizando a santificação e a frutificação. Ela não ocorre plenamente na experiência do novo nascimento. Ou seja, o novo nascimento não cancela automaticamente e nem nos isenta das maldições, doenças, enfermidades, tentações, dívidas, etc.

O perigo, portanto, é usar este verso como se o novo nascimento fosse tudo. Dizer para uma pessoa que acabou de aceitar Jesus que tudo já está resolvido na sua vida seria enganá-la. É superficializar situações que na realidade são graves. Isso acaba se tornando um pretexto para a irresponsabilidade de muitos, respaldando também o comodismo e a falta de crescimento espiritual. Esse tipo de ensino tem tornado muitas igrejas em prisões.

Por mais que as pessoas tentem manter um ar de espiritualidade, muitas ainda continuam envolvidas em pecados seríssimos, conflitos de consciência, perturbações espirituais, distúrbios emocionais e depressivos, relacionamentos em crise e tantos outros sintomas que apontam para uma influência demoníaca concentrada. Como foram ensinadas que com a salvação tudo já deveria ter sido resolvido, perdem a esperança e acabam espiritualmente frustradas. Por isso tantos permanecem infrutíferos e até mesmo desviados dentro da igreja, e não poucos acabam se apostatando da fé.

Cada benefício do sacrifício de Jesus precisa ser recebido pessoalmente, bem como correspondido especificamente através dos princípios adequados.

Suponha que antes de aceitar Jesus você tivesse uma dívida com uma financeira. O fato de você ter nascido de novo cancelaria sua dívida? Você obviamente me responderia que não. Mas alguém poderia argumentar: “Mas as coisas velhas não se passaram e tudo não se fez novo?” Da mesma forma precisamos lidar com a vil herança das maldições legadas pelos nossos pais e com as respectivas conseqüências dos nossos próprios erros.

Nada é automático no reino espiritual. Uma ação de Deus sempre é respaldada por uma atitude humana. Jesus morreu para que todos sejam salvos, curados, libertos, santificados, etc. Todos estão salvos? Ainda não! Apenas aqueles que se arrependem. Todos foram curados de seus males em virtude da salvação? Não! Apenas aqueles que tiveram ou receberam fé para isso. Todos estão totalmente libertos porque aceitaram Jesus? Também não! Estão todos santificados debaixo do batismo com o Espírito Santo e fogo? Quem dera, o mundo já estaria todo evangelizado!

A salvação, de fato, é uma experiência definida e instantânea. Ao estabelecermos uma aliança com Deus através do sacrifício de Jesus, nosso espírito é recriado, ou seja, nascemos de novo.

A alma, porém, é uma conquista diária que envolve humilhação, restituição, quebrantamento, renúncia, disciplina, revelação, discernimento, intercessão, obediência, perseverança, etc. Por mais que através do nosso ego não gostemos dessas palavras, elas evi-

denciam os caminhos de Deus que nos levam às mais elevadas conquistas espirituais.

A conquista da alma é muito bem alegorizada pela conquista da terra de Canaã. Canaã significa a promessa de uma vida abundante em Cristo. Para isso muitos reis e fortalezas inimigas precisam ser vencidos. A terra precisa de libertação. Josué, uma tipologia do Espírito Santo, precisa colocar a planta dos seus pés em cada área da nossa alma. Tudo o que submetemos ao Espírito Santo está debaixo do poder redentor do Senhor Jesus. Tudo o que não submetemos ao Espírito Santo continua vulnerável às influências malignas.

ESFERA DE MAPEAMENTO HEREDITÁRIO

“...visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração...” (Ex 20:5).

Um entendimento sobre mapeamento hereditário é fundamental para nos colocarmos adequadamente na brecha pela nossa família através da intercessão profética e do arrependimento por identificação. O intercessor que restaura os lugares antigamente assolados de geração em geração precisa, fundamentalmente, investigar a história familiar.

Quero enfatizar que a principal fonte de mapeamento espiritual é Deus. Muitas vezes Deus está nos mostrando coisas sobre nossa família, porém, não entendemos, ou quando entendemos não sabemos o que fazer com essas revelações.

O mapeamento hereditário é uma das principais chaves para a libertação da família. É a mira da confissão intercessória. Dessa forma, revelações vitais, ocultas e defendidas por demônios alojados na linhagem vêm à luz.

“Dar-te-ei os tesouros das trevas, e as riquezas encobertas, para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chamo pelo teu nome” (Is 45:3).

Através da pesquisa e da revelação de Deus, as confissões intercessórias quebram maldições, atingindo causas ignoradas por longo tempo. Quando a Bíblia fala que o pecado dos pais visitariam os filhos até a terceira e a quarta geração, ela está traçando o limite dentro do qual um mapeamento precisa ser feito. Isso é muito prático. Se tivéssemos de mapear nossos ancestrais até Adão, estaríamos diante de uma tarefa humanamente impossível, porém, como a maldição familiar é fortemente sintomática, basta olhar para nossos parentes nessa esfera de três ou quatro gerações que certamente os sintomas de maldição estarão evidentes.

Esse é um princípio fundamental de libertação que nos ajuda a identificar as iniquidade e pecados não confessados. A partir desse mapeamento, confissões inteligentes e uma intercessão eficaz transformam a situação.

Atendi certa vez uma pessoa que apresentava um forte quadro depressivo. Depressão nunca tem uma causa isolada. Está relacionada com um estilo de vida marcado por extremos de ansiedade ou ociosidade, culpa recalcada, abuso sexual, desilusões, tentativas de suicídio, aborto, pecados de morte, herança familiar, etc. Tudo isso pode entrelaçar-se formando uma teia na qual é realmente difícil achar o fio da meada.

Tentando descobrir algo na sua vida pessoal não tive sucesso. Voltando para a família dessa pessoa, descobri que havia muitos outros casos crônicos de depressão. Eram indícios de uma maldição familiar.

Quando cogitei sobre suicídios na história da família, a situação se desvendou. Ali estava o ponto da exploração demoníaca. Suicídio, ou tentativa de suicídio é o maior atestado de fracasso que uma pessoa pode dar, o que produz um legado de depressão na descendência.

Ela mencionou pelo menos cinco casos de suicídio consumados e também várias tentativas de suicídio em relação a parentes nesta esfera de três gerações. Não se pode também deixar de lidar com o motivo básico que provocou o suicídio. O motivo do suicídio é tão relevante quanto o suicídio em si. Os suicídios, neste caso, estavam relacionados com traição conjugal e desilusão sentimental.

A avó, traída pelo marido, suicidara-se com veneno; a mãe, traída pelo marido, havia tentado suicidar-se da mesma forma e agora ela estava sendo abordada constantemente por pensamentos de suicídio por causa de tormentos na sua vida sentimental. Havia como que uma transferência de comportamento que migrava de uma geração para outra.

Ela se pôs na brecha e fizemos uma oração de arrependimento corporativo, pedindo perdão pelos suicídios, renunciando suas respectivas causas, ressaltando detalhes específicos de acordo com a orientação do Espírito Santo, perdendo as traições conjugais e lançando as maldições para a cruz de Cristo.

Manifestações fortes começaram a acontecer. Quando ela confessou o suicídio da avó e a tentativa de suicídio da mãe, chegou a vomitar algo que parecia ser o veneno que elas haviam tomado. Trouxemos o sangue de Jesus sobre todos os familiares vivos, intercedemos por eles proibindo a influência desses espíritos de maldição familiar. A partir daquele momento ela foi radicalmente livre da depressão.

O mapeamento espiritual nos permite lidar com as causas dos problemas. Dessa forma, é possível combater o bom, e não o mau combate. Estratégias como essa numa batalha espiritual fazem a diferença entre acertar ou errar o inimigo.

ESPÍRITOS FAMILIARES

“Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondei: Acaso não consultará um povo a seu Deus? Acaso a favor dos vivos consultará os mortos?” (Is 8:19).

Podemos definir espírito familiar como entidades demoníacas que se alojam numa árvore genealógica, assumindo a identidade de algum antepassado já morto. Essa é a base espiritual de quase todas as culturas indígenas ao redor do mundo. Isso pode acontecer abertamente através do espiritismo ou, despercebida-

mente, através de uma transferência de comportamento, episódios dramáticos, doenças, acidentes, etc.

Ao mesmo tempo que os espíritos familiares são reais, porém mentirosos, é através deles que o diabo tem estabelecido uma de suas mais bem-sucedidas ferramentas de engano, ou seja, toda uma estrutura religiosa que se fundamenta na consulta aos antepassados mortos.

Existe uma diferença fatal entre “consultar os antepassados mortos” e “confessar as iniquidades não confessadas dos antepassados mortos ou parentes vivos”. A primeira situação é espiritismo. A segunda é intercessão. Todos homens da Bíblia que o próprio Deus chamou de intercessores como Moisés, Neemias, Jó, Daniel e outros intercediam desta forma.

Quando se faz isto, não quer dizer que estes antepassados ou parentes vivos estão sendo perdoados ou redimidos da culpa pessoal, mas que as consequências dos seus pecados sobre a descendência está sendo expiada. Todo pecado imputa uma culpa pessoal e uma consequência coletiva, principalmente em relação à descendência. A intercessão, ou a confissão das iniquidades não confessadas da família e linhagem não trata com a culpa pessoal destas pessoas, porém trata com as consequências e influências destes pecados sobre seus descendentes.

DUAS LEIS FUNDAMENTAIS: LEI DA HERANÇA E LEI RESPONSABILIDADE

A herança diz:

“Porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam” (Ex 20:3-5).

A Responsabilidade diz:

“A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho. A

justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele” (Ez 18:20).

Temos aqui duas leis distintas. Será que existe alguma contradição entre elas? Quem está certo: a herança ou a responsabilidade? Essa não é a questão. É aqui que uma visão desequilibrada de batalha espiritual se instala e muitos acabam sofrendo o dano. Tomar partido nessa questão já consiste em um desequilíbrio no qual exaltamos um princípio em detrimento do outro. Dessa forma perdemos a batalha.

Infelizmente, hoje, percebemos o Corpo de Cristo polarizando opostamente essas duas leis. Considerando uma posição extrema, temos os que são do *time da Lei da herança*, e que muitas vezes estão procurando chifre em cabeça de cavalo, espiritualizando o natural, abraçando o terrorismo espiritual, dando aos demônios um crédito que eles não têm e muitas vezes desconsiderando o estilo de vida da pessoa em questão. Essa, na verdade, é a propaganda que o diabo quer fazer a respeito do ministério de libertação. Precisamos quebrar essa maldição sobre a quebra de maldições.

Temos também os que são do *time da Lei da responsabilidade*, que normalmente são pessoas que nunca trabalharam com eficiência em libertação e são desprovidos de algo que é fundamental no ministério: a experiência.

Dessa forma, quem tem vencido esse debate teológico, que muitas vezes é um *show* de falta de sabedoria da Igreja, é o espírito de divisão e orgulho religioso.

Temos em mãos dois princípios – herança e responsabilidade – que, na verdade, não se contradizem. Deus não é incoerente. Não podemos atacar um princípio através de outro. A sabedoria pode ser definida como a habilidade de nos movermos através do conjunto de princípios que se refere a uma questão específica. Sempre quando pegamos um princípio em detrimento de outro, ou quando atacamos um princípio através de outro, não estaremos sendo sábios.

Herança espiritual é uma influência ou *visitação* como a própria Bíblia define. A responsabilidade é uma *escolha* que podemos dizer que está acima de qualquer influência. Portanto, influência alguma

precisa ser uma obrigação moral. *Não podemos fazer da herança espiritual uma desculpa para a nossa irresponsabilidade moral.* Esse foi o erro de Israel confrontado pelo profeta Ezequiel no capítulo 18.

É importante ressaltar que a lei da herança jamais ensina na Bíblia que levamos a culpa dos erros dos nossos pais, porém a consequência deles. Um filho de um pai que perdeu todos seus bens na jogatina não tem culpa alguma por ter nascido pobre, mas tem a consequência. Assim como o filho de qualquer bilionário não fez nada para merecer ser bilionário. Isso vem por consequência. É uma lei: a lei da herança, que se fundamenta na filiação.

A lei da herança embute um conceito estranho de justiça que descarta o mérito. Se existe uma herança física, certamente também existe uma herança espiritual. Deus sempre se relacionou com pessoas numa perspectiva de gerações. As promessas e alianças que Deus fez a Abraão, a Davi e a tantos outros referiam-se principalmente aos seus descendentes, ou seja, às gerações vindouras.

Toda promessa tem condições que determinarão o seu cumprimento ou não-cumprimento. Toda aliança tem sanções que garantem benefícios quando cumprida ou malefícios e maldições quando quebrada. Dessa forma, a lei da herança se harmoniza com a lei da responsabilidade pessoal, estabelecendo um legado que abranje as gerações.

OS DOIS ERROS

1. Lei da herança em detrimento da lei da responsabilidade

Quando enfatizamos a herança espiritual e ignoramos a responsabilidade pessoal, temos o fatalismo, ou seja, estaríamos fadados a um determinado *karma*. A culpa, ou melhor, a desculpa seriam os antepassados, e não se teria como mudar a situação. Essa é a base do espiritismo.

Dessa forma, fugindo do juízo de Deus, vamos certamente nos tornar vítimas de um terrível engano, como também do juízo de Deus propriamente dito. Esse foi o confronto de João Batista com

os fariseus e saduceus que se escondiam de suas responsabilidades espirituais dizendo-se herdeiros de Abraão:

“Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não queirais dizer dentro de vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. E já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo” (Mt 3:7-10).

Tomar a bênção ou a maldição como fatalismo nos leva a pecar contra nossa faculdade intrínseca de escolher e de ter de responder por tais escolhas.

A lei da responsabilidade está acima da lei da herança, visto que a herança espiritual é apenas uma influência. O que determina o nosso caráter e o nosso destino são as nossas escolhas. Esta é a lei da responsabilidade que nos torna indesculpáveis. Temos o poder e o dever de fazer as escolhas certas, independentemente das influências que nos perseguem.

2. Lei da responsabilidade em detrimento da lei da herança

Enfatizar a responsabilidade sem considerarmos nossa herança espiritual pode simplesmente nos levar a uma vida de sofrimentos e infortúnios desnecessários. Não que isso vá obrigatoriamente comprometer nossa salvação. Podemos conviver com uma maldição a vida inteira, independentemente do fato de sermos salvos. Neste caso nos tornamos vítimas da nossa ignorância. Ignorar a maldição é um erro grave.

Na prática, o que tenho visto acontecer é que pessoas que vão para esse extremo, mesmo tendo uma vida moral austera, quando vivenciam um momento de fragilidade são oportunamente abordadas pela maldição familiar e por fim, repetem os pecados ainda não resolvidos dos pais. “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.”

Tenho constatado que pelo menos oitenta por cento dos problemas mais sérios das pessoas são repetições de uma mesma situação em relação aos pais e antecessores. Se ignorarmos esse componente que se refere ao poder de influência de um legado familiar, certamente vamos, em não poucos casos, deixar de experimentar resultados satisfatórios.

Enfatizar a herança espiritual juntamente com a responsabilidade pessoal leva-nos a uma postura espiritual vitoriosa.

Devemos fazer as escolhas certas, que são as evidências de um verdadeiro arrependimento? Sim! Devemos lidar com os legados e influências demoníacas que herdamos? Também!

OS EFEITOS DA COBERTURA ESPIRITUAL DOS PAIS

Um legado familiar pode ser definido como as conseqüências das escolhas dos pais que afetarão diretamente as sucessivas gerações em relação às três áreas fundamentais da vida:

1. Identidade: um perfil de segurança pessoal e auto-estima poderá ser construído ou destruído em virtude da cobertura familiar. O tipo de cobertura espiritual legado pelos pais interfere diretamente na capacidade dos filhos de conhecerem ou desconhecerem as verdades de Deus sobre si mesmos.

2. Relacionamentos: um padrão de confiança e intimidade poderá ser construído ou destruído em virtude da cobertura familiar. Confiança e confiabilidade são frutos de um investimento emocional e, acima de tudo, da proteção espiritual legada pelos pais. A nossa saúde emocional e equilíbrio temperamental estão profundamente ligados com o perfil espiritual dos nossos pais.

3. Herança: a capacidade de concretizar os ideais, frutificar e viver de acordo com o propósito para o qual foi criado pode ser viabilizado ou abortado em virtude da cobertura familiar. Vocação e dons poderão ser trancados ou liberados.

Essas três coisas recebemos diretamente da nossa família. São valores interdependentes: identidade, relacionamentos, e herança. Não tem como sacrificar uma dessas coisas e preservar a outra. Ou você tem todas ou não tem nenhuma. Dessa forma, somos um produto ou, infelizmente, um subproduto da nossa família e do tipo de relacionamento que escolhemos adotar em relação a ela, principalmente em relação aos pais. Herança e responsabilidade são duas leis que andam juntas.

*“Bem aventurados os **pacificadores**, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5:9) .*

Essa bem-aventurança estabelece uma ligação entre a capacidade de se relacionar e a capacidade de conhecer e desfrutar a própria identidade. O exercício da paz respalda a capacidade de se relacionar e o ser chamado filho de Deus indica a posse da verdadeira identidade.

A revelação da nossa identidade, portanto, depende de um estado de reconciliação com a família. Se você é um pacificador, então você é filho. Você sabe quem você é em Deus. Se você é um destruidor de relacionamentos, o conhecimento da identidade será encoberto pelo manto de orfandade. Aqui começam as famosas crises existenciais que nos desnor-teiam na vida.

Conseqüentemente, quando a posição de filho é abandonada e sacrificada por causa das feridas, a herança é saqueada. Você não pode deixar de ser filho sem deixar de ser herdeiro.

Esta foi a conclusão a que o filho pródigo chegou em relação a si mesmo: “... já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados” (Lc 15:18,19). Ele reconheceu que, ao se rebelar contra o pai, tornou-se indigno de ser chamado filho, perdeu sua identidade e, conseqüentemente, estava deserdado.

Legados de maldição familiar produzem feridas. Feridas não resolvidas com nossos pais interferem na formação da nossa própria família. E é por causa desse tipo de raízes que muitos estão espiritualmente perdendo a bênção do lar, que é o crivo ministerial. Isso é o que vamos demonstrar no próximo capítulo.

Resumo:

Lei da herança	Lei da responsabilidade
<ul style="list-style-type: none"> • Enfatiza uma visitação ou influência espiritual na forma de castigo em relação às sucessivas gerações: <i>“Vai pois agora, conduze este povo para o lugar de que te hei dito; eis que o meu anjo irá adiante de ti; porém no dia da minha visitação, sobre eles visitarei o seu pecado” (Ex 32:34).</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatiza a nossa obriga�o moral e a responsabilidade individual de escolha: <i>“A alma que pecar, essa morrer�; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho...” (Ez 18:20).</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Maldi�es do passado genealógico. Visita�o que tem por legalidade a iniquidade dos nossos antepassados. Um passado assolado interferindo no presente: <i>“... por causa das iniquidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós” (Dn 9:16).</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Maldi�es do presente. Enfatizam o juízo que vem por causa do nosso próprio pecado e dureza de cora�o: <i>“Porque já lhe fiz: saber que hei de julgar a sua casa para sempre, por causa da iniquidade de que ele bem sabia, pois os seus filhos blasfemavam a Deus, e ele não os repreendeu” (I Sm 3:13).</i>
<ul style="list-style-type: none"> • A pessoa leva a conseq�ncia. Enfatiza a conseq�ncia de pecados ainda não devidamente confessados e resolvidos: <i>“Preparai a matança para os filhos por causa da maldade de seus pais...” (Is 14:21).</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • A pessoa leva a culpa. Enfatiza a justiça ou a culpa referente a escolhas pessoais pecaminosas: <i>“... A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele” (Ez 18:20b).</i>
<ul style="list-style-type: none"> • � coletiva no sentido de que exerce uma influência sobre toda a descendência. A conseq�ncia da maldi�o � da quebra de maldi�o atinge todos aqueles que estavam debaixo da pessoa que desencadeou o respectivo legado: <i>“O homem da tua linhagem a quem eu não desarraigai do meu altar será para consumir-te os olhos e para entristecer-te a alma; e todos os descendentes da tua casa morrerão quando chegar � idade varonil” (I Sm 2:33).</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • � pessoal. Deus nos tem como seres intrinsecamente responsáveis. Por mais que a influência exercida em virtude de um legado familiar de maldi�o esteja sobre nós, nem assim a Bíblia nos isenta da nossa responsabilidade pessoal de fazer a decisão certa. Deus � pessoal e se relaciona conosco pessoalmente. Certamente teremos de prestar conta com Deus em rela�o a todas as escolhas que fizermos.